PROJETOS DE TRADUÇÃO FRANCÊS - PORTUGUÊS

Tradutora: Tainá Derval Granja

Contato: taina.derval@gmail.com

I. TRADUÇÕES LITERÁRIAS

***Chanson d'automne*, Paul Verlaine**

Canção de outono

Os longos sons
Dos violões
Do outono
Enchem meu coração de dor
de um langor
Monótono.

E sufocando
Pálido, quando
Soa a hora,
Lembro os dias,
e as alegrias
E meu peito chora.

E eu parto ao vento

que, com seu tormento,

Me transporta

de cá pra lá,

semelhante à

Pétala morta.

Aider à écosser des petits pois, **Philippe Delerm**

Ajudar a debulhar ervilhas

É quase sempre nessa hora oca da manhã quando o tempo arrasta para o nada. Esquecidas as xícaras e as migalhas do café da manhã, ainda longe os aromas quentes do almoço, a cozinha de tão calma é quase abstrata. Sobre a toalha de mesa, apenas uma folha de jornal, um punhado de ervilhas dentro de suas vagens e uma tigela.

Nunca chegamos ao início do trabalho. Atravessávamos a cozinha para ir ao jardim, para ver se o carteiro havia passado…

– Eu posso te ajudar?

É claro que sim. Podemos ajudar. Podemos nos reunir na mesa da família e logo encontrar para a debulha esse ritmo sossegado, pacífico, que parece suscitado por um metrônomo interior. É fácil debulhar ervilhas. Uma pressão do polegar na borda da vagem e ela se abre, dócil, dada. Algumas, menos maduras, são mais relutantes - só um corte da unha do indicador permite romper o verde, e sentir a umidade e a densa carne falsamente apergaminhada. Depois, fazemos deslizar as ervilhas com um único dedo. A última é tão pequena. Às vezes temos vontade de mastigá-la. O gosto não é bom, um pouco amargo, porém fresco como a cozinha das onze horas, cozinha de água fria, legumes descascados - bem ao lado, em cima da pia, algumas cenouras nuas brilham sobre um pano de prato, terminando de secar.

Então falamos à pequenos sopros, e aqui a música das palavras também parece vir do interior, calma, familiar. De vez em quando, levantamos a cabeça para olhar o outro, ao final de uma frase; mas o outro deve manter sua cabeça abaixada - está no código. Falamos de trabalho, de projetos, de cansaço - sem muita psicologia. A debulha de ervilhas não é feita para ser explicada, mas para seguir o curso, num delicado contratempo. Ela levaria cinco minutos, mas é bom estender, esticar a manhã, vagem por vagem, mangas arregaçadas. Passamos as mãos nas ervilhas debulhadas que enchem a tigela. É suave; essas esferas juntas são como uma serena água verde, e ficamos surpresos de não termos as mãos molhadas. Um longo silêncio de claro bem estar, e depois:

– Só falta buscar o pão.

Le Petit Chaperon Rouge, Charles Perrault

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma menina que todos achavam a mais bonita da vila; sua mãe era louca por ela e sua avó mais louca ainda. Sua bondosa avó havia lhe feito um pequeno capuz vermelho, que lhe serviu tão bem que todos a chamavam de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, tendo sua mãe preparado tortas, lhe disse:

— Vá ver como sua avó está, pois ouvi dizer que ela estava doente. Leve para ela uma torta e esse pequeno pote de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho partiu em seguida para a casa de sua avó, que morava em outra vila. Passando por uma floresta, ela encontra o compadre Lobo, que sentiu mesmo vontade de devorar a menina; mas ele não ousou fazer isso, pois havia alguns lenhadores na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia e a pobre criança, que não sabia que é perigoso parar para conversar com um lobo, lhe disse:

– Vou ver minha avó e lhe entregar uma torta e um pequeno pote de manteiga que minha mãe lhe mandou.

– Ela mora muito longe? Perguntou o lobo.

– Oh, sim! - respondeu Chapeuzinho Vermelho - é depois daquele moinho que você vê bem ali, ali, na primeira casa da vila.

– Ah, muito bem - disse o lobo - eu quero ir vê-la também; eu vou por esse caminho aqui, e você por aquele ali e veremos quem chegará lá mais rápido.

O lobo de pôs a correr com toda sua força pelo caminho mais curto, e a menina foi pelo caminho mais longo, se divertindo, colhendo avelãs, correndo atrás das borboletas e fazendo buquês com florzinhas que ela encontrava.

O lobo não demorou muito para chegar na casa da avó; ele bateu: toc, toc.

– Quem é?

– É sua neta Chapeuzinho Vermelho - disse o lobo disfarçando sua voz - que traz uma torta e um pequeno pote de manteiga que minha mãe mandou para a senhora.

A bondosa avó, que estava em sua cama pois se sentia um pouco mal, lhe gritou:

– Tire o pino e a fechadura abrirá.

O lobo tirou o pino e a porta se abriu. Ele atirou-se sobre a boa senhora e a devorou de uma vez; pois ele não comia há três dias. Em seguida ele fechou a porta e se deitou na cama da avó, esperando a Chapeuzinho Vermelho, que algum tempo depois veio bater à porta: toc, toc.

– Quem é?

A Chapeuzinho Vermelho ouviu a voz grossa do Lobo e teve medo no início, mas acreditando que sua avó estava resfriada, respondeu:

– É sua neta Chapeuzinho Vermelho, que traz uma torta e um pequeno pote de manteiga que minha mãe mandou para a senhora.

O Lobo gritou suavizando um pouco sua voz:

– Tire o pino e a fechadura abrirá.

A Chapeuzinho Vermelho tirou o pino e a porta se abriu. O Lobo, vendo-a entrar, lhe disse, se escondendo na cama embaixo da coberta:

– Coloque a torta e o pequeno pote de manteiga em cima da mesa e venha se deitar comigo.

Chapeuzinho vermelho tirou sua capa e foi para a cama, onde ficou muito espantada ao ver como era sua avó sem as roupas de baixo. Ela lhe diz:

– Vovó, que braços grandes você tem!

– É para te abraçar melhor, minha neta.

– Vovó, que pernas grandes você tem!

– É para correr melhor, minha criança.

– Vovó, que orelhas grandes você tem!

– É para ouvir melhor, minha criança.

– Vovó, que olhos grandes você tem!

– É para ver melhor, minha criança.

– Vovó, que dentes grandes você tem!

– É para te devorar!

E, dizendo isso, o lobo malvado se atirou sobre a Chapeuzinho Vermelho e a devorou.

II. TRADUÇÕES ESPECIALIZADAS

Prologue / Heurs et malheurs du cosmopolitisme - Cicchelli

Prólogo / Fortunas e infortúnios do cosmopolitismo

"Ser moderno es ser contemporáneo, ser actual:

todos fatalmente lo somos[1]."

Três experiências originam esse livro, todas as três ligadas à formação que os sociólogos da minha geração receberam bem como a tomada de consciência, em retrospecto, de que os conceitos forjados pela disciplina registram-se num horizonte histórico.

A sociologia e a experiência biográfica do mundo contemporâneo

A primeira destas experiências é comum dentre aqueles de nós que um dia, olhando sua biblioteca, se sentiram afastados do conteúdo de certas obras que antes lhes eram familiares. Quando penso nos livros de história, de literatura e de filosofia que marcaram os meus anos de colégio na Itália, eu sou pego de uma certa inquietação: esses textos com os quais eu me formei, de grande valor para a maioria, não permitiriam mais a um adolescente de hoje, onde ele vive, de compreender o mundo. A intensificação e aceleração das interdependências entre sociedades; a multiplicação dos riscos e das ameaças globais tais como as epidemias, o terrorismo, as catástrofes nucleares e ambientais, as consequências do aquecimento global, os tráficos de pessoas e de droga; a transformação do capitalismo com a dominação do liberalismo econômico, a desregulamentação sem precedentes dos mercados e o aumento do comércio internacional; as recessões econômicas frequentes desde o fim dos Trinta Anos Gloriosos; o declínio do movimento operário e, mais normalmente, a relativa desindustrialização das sociedades ocidentais; a forte entrada das novas tecnologias e expensão da sociedade do conhecimento; o crescimento da mobilidade e dos fluxos migratórios; as profundas mudancas geopolíticas após a queda do muro de Berlim, o fim da polarização, a potente ascensão de países não ocidentais e o relativo declínio do mundo ocidental; a reconsideração do modelo social-democrata e a crise da Europa, cuja integração

[1] "Ser moderno é ser contemporâneo, ser atual: todos fatalmente o somos" *Jorge Luis Borges, "Prologo",* Luna de enfrente*, 1925.*

política permanece largamente inacabada e onde nascem novos antagonismos entre países: todos esses fenômenos modificam substancialmente nossa apreensão do curso da história.

Para que nos serviriam esses livros escritos no contexto de Guerra Fria, concebidos para pensar um mundo Polarizado, de uma perspectiva europeia e ocidental - fosse esse último liberal ou comunista? Esses livros provinham de um contexto geopolítico marcado por divisões e conflitos (Leste-Oeste e Norte-Sul) que estruturavam as relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial; seus autores estavam formados nos anos atravessados pela descolonização e pelos movimentos de luta pelos direitos civis. Era-lhes impossível abrigar as forças tendo conduzido ao advento da "sociedade global" que se tornou, independente de todo julgamento de valor, o quadro real de referência no qual nós vivemos hoje.

Pulsion du temps - Julia Kristeva

Pulsões do tempo. “Como falar de literatura com Roland Barthes”

[Ela fala aqui do discurso interpretativo e crítico]

Onde estamos hoje?

O terceiro milênio traz novas dificuldades a este cenário. A primazia da imagem globalizada desvaloriza tanto o papel central da linguagem e, consequentemente, da literatura, como também dos discursos interpretativo e crítico?

Muitos concordam com isso, e a indigência da crônica literária bem como a opacidade do discurso acadêmico, denunciadas por Amy Balette, parecem provar isso. Eu me permiti dizer recentemente que a mensagem cultural francesa não era mais passada simplesmente porque ela estava centrada na língua e na literatura francesa em detrimento das indústrias culturais. Como não aderir à ambição de desenvolver essas incontornáveis indústrias culturais (cinema, artes visuais e plásticas, livro, teatro, etc.) mas também o digital, e reinventar a própria francofonia! Eu desejo contudo que se nós não somos capazes de reagir ao que eu descreverei como um verdadeira negação circundante da linguagem - e da literatura -; e se essa “consciência de fala” que define o escritor, segundo Barthes, antes qualquer “escala de valores” diminuisse ou senão desaparecesse, então estaríamos em um ponto de virada da condição humana que se exporia às mutações de consequências imprevisíveis: para melhor, talvez para pior também.

Eu não sou daqueles que demonizam o reino das imagens. Também não me contentarei em insistir somente na língua e na literatura como constituintes principais da identidade nacional: embora eu esteja convencida, com efeito, que é bem aí, não no culto da língua e de sua literatura, mas em sua transvaloração contínua pela escrita e pelos discursos interpretativo, analítico e crítico que a elucidam, que essa identidade móvel evolui: de forma alguma um dogma, mas um constante questionamento, *work in progress*, obra aberta como é a identidade de uma nação viva. Eu me limitarei a destacar antes de tudo o fato que - porque a linguagem constitui o sujeito no homem e na mulher (como mostrou a filosofia e as ciências do homem há mais de um século) - é bem o imaginário literário que oferece o espaço privilegiado no qual se adquire a liberdade do sujeito no, com ou sem o sentido. É bem a experiência literária - acompanhada de sua elucidação interpretativa e que muitas vezes a integra na sua própria declaração - que transforma a dependência do homem e da mulher face à fantasia, isto é, da imagem, mas também do significante ou ideia inequívocos. Me dando uma chance de esperar os limites do Eu, bem como a possibilidade objetiva de sua superação sócio-histórica, a

experiência literária é uma prova de liberdade - única por sua complexidade - no cerne das normas sociais. Proust não dizia outra coisa ao escrever: “A imaginação, meu único órgão para gozar a beleza”. Ou ainda “A realidade [,esse] resíduo da experiência”.

Eu entendo sua questão. É ainda possível de falar dessa forma na literatura como experiência, quando a própria literatura se duplica, “ïnrockuptible”, na poesia ecolálica de Guyotat; se cristaliza - raramente - em um diálogo com a filosofia e a história segundo Sollers; ou, mais frequente, concorre em rivalidade com *Desperate Housewives*?

Protegido pela universidade, mas evidentemente muito mais protegido, somente o discurso interpretativo “especializado” persiste em reabilitar, cultivar e despertar essa “consciência de linguagem” que se desejaria tanto, senão mais “durável” que o ecossistema ameaçado. Seria necessário que o discurso interpretativo acessasse mais essa qualidade afirmativa que Barthes diagnosticava no discurso da crítica: que ele decida se fazer compreender, que ele faça a escolha de dizer à favor e de contra a mídia generalizada.

Quanto a própria crítica, que ela não se limite a orquestrar o “peopolisation”. Que ela saia do virtual ao qual as telas reduzem as construções imaginárias e que ela tente devolver uma profundidade antropológica à obra da linguagem.

III. TRADUÇÕES JURAMENTADAS

Acte de mariage

Certidão de Casamento

1. Cabeçalho

République Fédérale du Brésil

Officier de l`état civil du

28° arrondissement du Jardim Paulista

Juridiction de São Paulo - état de São Paulo

L'officier 1° 2° 3° adjoint

[En haute, à gauche : le blason du Brésil]

2. Título do documento

Extrait de l'acte de Mariage

Registre B-0 2. Acte 1 Page 0

3. Corpo do texto - original

Nous déclarons que l'an **deux mille deux, le vingtième jour du mois d'avril**, se sont reçu en mariage :
L'époux _____, profession analyst financier, nacionalité brésilienne, célibataire, né à São Paulo, Capitale (sous-district Cerqueira Cesar), le vignt-et-un juin mil neuf cent soixante-treize, fils de _____ et de _____.

L'épouse _____, profession productrice, nacionalité brésilienne, célibataire, née à São Paulo, Capitale (sous-district Barra Funda), le trois juin mille neuf cent soixante-cinq, fille de _____ et de _____.

L'épouse **garde son nom de jeune fille: _____.**

Ils sont adopté le régime de la **communauté brésilienne partielle de biens.**

[signature invisible à côté du nom]

4. Averbação - original

Remarques : mentions marginales: Sur l'ordre de mandat signé par Mm le Juge aux affaires familiales et Successoral de la 2ème juridiction du tribunal régional IV-Lapa, de São Paulo, Dr. _____ Belli, extrait des actes de procédure n.º _____ de la séparation consensuelle, demandé par _____ et _____, j'inclus les mentions marginales en vue d'y faire apparaître que par le jugement rendu par le dit Juge, daté du 17/02/2005, la séparations consensuel du couple a été homologué, qui est passé en force de chose jugée, l'épouse gardant son nom de jeune fille _____. Dressé à São Paulo, le 22 février 2005. Je soussigné, Gisele Cristina Gallucci, clerc, l'ai dactylographié et signé. Enregistrement : en conformité avec le mandat signé par le honorable Juge aux affaires familiales de la 2ème juridiction du tribunal régional IV-Lapa, de São Paulo, Dr. _____, extrait du dossier n.º _____ de Conversion de la Séparation en Divorce, demandé par _____ et _____ GUERRA, je procède l'acte déterminé pour enregistrer que, par sentence prononcé par Votre Honneur le Juge susmentionné, daté le 14/07/2006, la Séparation Consensuel du couple a été converti en divorce, qui a été jugé le 11/08/2006, la femme signe le nom de célibataire _____.

5. Carimbos diversos

Ministère des affaires étrangères du Brésil
Département de l'assistance consulaire

Vu pour la certification matérielle de la signature à côté de la marque MRE/DAC. La présente législation n'implique pas l'approbation du contenu du document.

Fait le dix août deux mille sept
Allan Araújo - officiel de chancellerie

[En haut, à droite, apparaître la marque du cachet de l'officier de l'état civil, arrondissement Jardim Paulista]

[En bas du cachet il y a des informations fiscales, digité par Paulo Tortorelli Conde]